

Roberto Midlej

REPORTAGEM

roberto.midlej@redebahia.com.br

Em abril do ano passado, foi encontrada em Salvador, nas imediações do Relógio de São Pedro, pela primeira vez na história da capital, uma urna de sepultura pré-colonial, peça arqueológica de enorme valor histórico. Dentro dela, estavam os ossos de um índio tupinambá que, estima-se, viveu na cidade entre os séculos XIV e XVI. Os tupinambás viviam no litoral e eram falantes da língua tupi. Por isso, como todos os outros indígenas que falavam essa língua, eram considerados tupis.

A descoberta aconteceu durante as obras de requalificação da Avenida Sete e revela um pouco mais da história dos tupis. Segundo Cláudio César S. e Silva, arqueólogo que encontrou a peça, há uma vasta documentação bibliográfica sobre a presença de índios da tradição tupi em Salvador. “Alguns documentos são categóricos sobre a existência de grupos indígenas na região da atual Avenida Sete de Setembro durante o período do contato com os europeus”, afirma.

A pesquisa coordenada por Cláudio revelou, graças à descoberta da urna, resultados inéditos sobre as características de um modelo de sepultamento dos tupis, pois atesta que esse povo possuía uma crença muito forte em relação aos mortos e havia um cuidado especial com alguns dos seus pares.

OS TUPIS

E como viviam os tupis em Salvador? Os registros pré-coloniais não são precisos. Mas é certo que os indígenas já habitavam as áreas correspondentes à capital baiana e ao que hoje se chama de Região Metropolitana de Salvador e o achado arqueológico na Avenida Sete é mais uma prova disso.

Após a chegada dos portugueses, “o mundo desses povos foi virado de ponta-cabeça”, como afirma a professora Maria Hilda Baqueiro Paraiso no artigo Aldeamentos de Salvador no

Alguns documentos são categóricos sobre a existência de grupos indígenas na região da atual Avenida Sete de Setembro durante o período do contato com os europeus

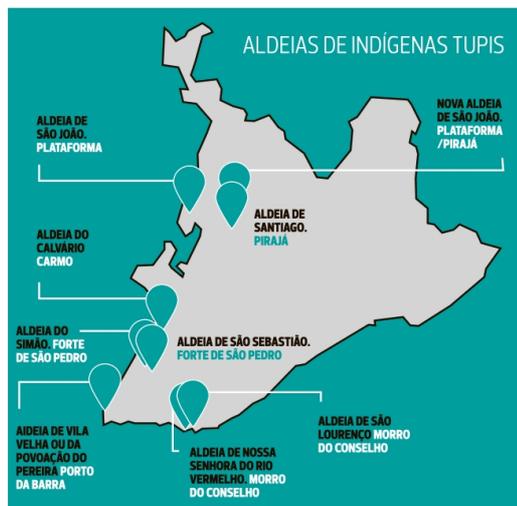
Cláudio César Silva
Arqueólogo

Um desses grupos vivia num aldeamento com vários europeus. Era a aldeia de Caramuru, que ocupava uma área que tinha como limites o bairro da Graça, as praias de Ondina e o Morro onde fica Santo Antônio da Barra

Maria Hilda Baqueiro
Pesquisadora

O PRIMEIRO POVO DE SALVADOR

Tupis viviam em diferentes aldeias onde hoje estão bairros da capital baiana



Século XVI. Maria Hilda tem doutorado em história social pela Universidade de São Paulo – USP e é pesquisadora da história indígena. Mas antes mesmo que os portugueses aportassem em terra so-teropolitana, os tupis mantinham relações amigáveis com franceses, com quem comercializavam o pau-brasil. “Um desses grupos vivia num aldeamento com vários europeus. Era a aldeia de Caramuru, que ocupava uma área que tinha como limites o bairro da Graça, as praias de Ondina e o Morro onde fica Santo Antônio da Barra”.

Com os colonos, o escambo foi mantido. Os indígenas lhes forneciam alimentos e trabalhavam para eles, cortando e transportando madeira para a construção de prédios e embarcações, recebendo em troca ferramentas, roupas e outros utensílios.

Os conflitos começaram a partir de 1532, com a criação da Capitania da Bahia. Nessa época, chegaram os colonos portugueses com seus projetos de plantio de cana-de-açúcar e de escravidão dos índios. “A criação do gado, o plantio da cana de açúcar e a fixação de colonos nas terras implicou mudança radical das relações: escravidão, tomada das terras dos aldeamentos, competição por alimentos e fixação dos colonos. Isso não ocorria nas relações de escambo”.

Em Salvador, os tupis viveram em diversas aldeias. Uma delas, Vila Velha – também conhecida como povoação do Pereira –, ficava no Porto da Barra e ocupava os sítios hoje conhecidos por Graça e Santo Antônio da Barra.

Outros exemplos são a Aldeia Nossa Senhora do Rio Vermelho, (hoje Morro do Conselho) e a do Calvário (Carmo). Em Plataforma, no interior da Baía de Pirajá, estava a Aldeia de São João, e, ali perto, a Nova Aldeia de São João. Existiam, ainda, a Aldeia de Santiago, também em Pirajá; a Aldeia do Simão, entre o Forte de São Pedro, Gamboa e Passeio Público e a Aldeia do Espírito Santo, em Abrantes, hoje Região Metropolitana de Salvador (ver mapa acima).



Sepultura de Catharina Paraguassu, índia que casou com português Diogo Álvares, o Caramuru, está localizada no interior da Igreja da Graça

ARRISSON MARINHO